

# Compaixão é falar



## Compaixão é levantar a voz em favor da pessoa que está sofrendo

Confesso que esse é o aspecto da compaixão com o qual mais tenho dificuldade. Parece que a indignação, a ira, a militância foram banidas da ética cristã evangélica. Preferimos as atitudes mais amenas e comedidas. E o nosso silêncio é tão insensível que somos motivo de escândalo para um mundo que já não vê esperança em nossa fé individualista e egocêntrica.

Ainda estudante de jornalismo, eu costumava freqüentar uma igreja num bairro periférico de Anápolis (GO). Dona Antônio\*, uma irmã em Cristo, negra, com seus 70 anos e quase cega, estava a caminho da igreja num sábado de manhã quando caiu num buraco na calçada. Na verdade o buraco era uma fossa antiga cuja tampa havia apodrecido. Dona Antônio ficou ali umas duas horas, tempo em que toda a vizinhança se mobilizou para resgatá-la. Chegou ao pronto-socorro com uma fratura exposta em uma das pernas. Sentou-se para aguardar atendimento e ali ficou por mais de dez horas. Quando finalmente a atenderam, cuidaram do ferimento sem ao menos lhe darem um banho. Resultado: gangrena e amputação na altura da coxa.

Ao voltar para casa, irmãos da igreja foram visitá-la. O pastor abriu a Bíblia e leu: “Porque todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus...” Fiquei tão revoltada com essa situação que abandonei a igreja e só voltei vários anos mais tarde. Ninguém — nem eu — teve a coragem de brigar pelos direitos daquela senhora.

Ninguém ousou deixar que a raiva ajudasse a impulsionar ações em prol da justiça, assim como Jesus o fez ao entrar no templo, lugar santo onde os mercadores extorquiam dinheiro dos fiéis que vinham adorar ao Pai.

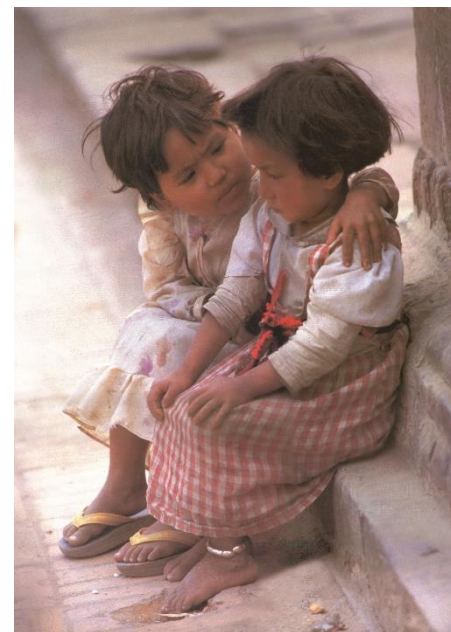
É dever nosso emprestar voz aos que não têm voz: “Fale a favor daqueles que não podem se defender” (Pv 31.8). Isso pode ser feito de muitas maneiras. Existem exemplos em nossa tradição evangélica que precisam ser copiados.

Catherine Booth, uma das fundadoras do Exército de Salvação, é um desses exemplos. Ela tinha um amor especial pelas prostitutas e levantou a voz contra toda a prática da prostituição na Inglaterra, no século 19. Catherine escreveu à rainha Vitória e também ao primeiro-ministro Gladstone pedindo que as leis fossem mudadas. Com a ajuda de seu marido, ela reuniu 393 mil assinaturas em uma petição. As assinaturas foram escritas num rolo de papel com mais de duas milhas de comprimento. Esse rolo foi levado num vagão de trem até o Parlamento. Como resultado, mudanças foram feitas nas leis do país, para que jovens mulheres não fossem exploradas por homens perversos.

Um outro exemplo, mais próximo a nós, é o cartão Fale. Inspirada em Provérbios 31.8,9, essa rede tem levantado questões de injustiça social e encaminhado propostas concretas aos nossos governantes. Do ponto de vista pessoal lembremo-nos da parábola de Jesus: a viúva, por tanto insistir com o juiz iníquo, acabou tendo suas reivindicações atendidas.

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 9.



**Vejamais: Compaixão é Agir.**